

INSTITUTO
 SOCIOAMBIENTAL
 Documentação
 Fonte: JB (Domingo)
 Data: 18/4/99 Pg 14-15
 Class: 1303

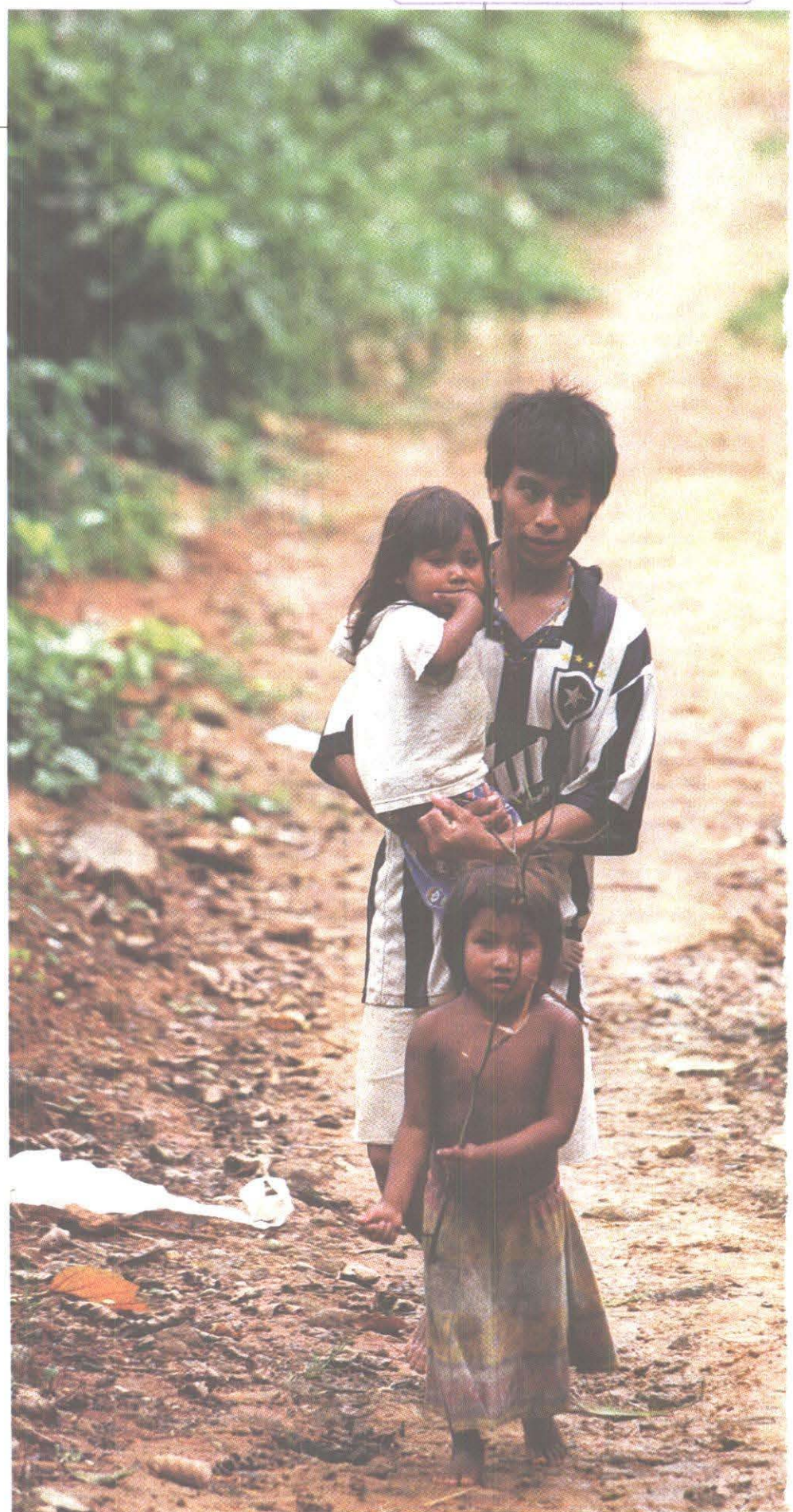
OFF RIO

A outra história do Brasil

Aldeia guarani em Angra cultiva passado de 1.500 anos e renega Dia do Índio

RENATO LEMOS

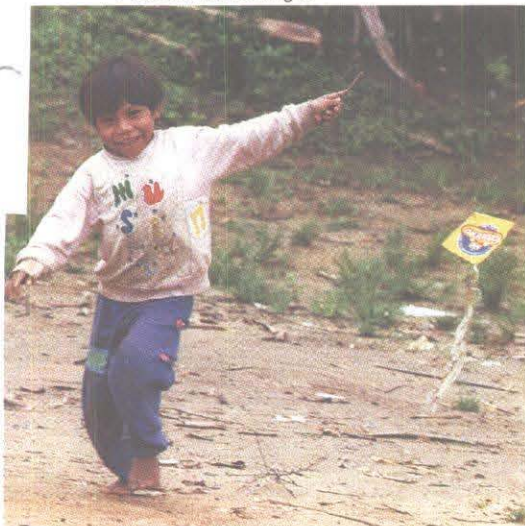
Se pedirem os documentos ao índio João da Silva, 87 anos, ele sacará do bolso uma carteira do IFP igual à de todo mundo: verdinha, a foto em preto-e-branco em cima, o polegar direito embaixo, número de registro no verso, à esquerda. Mas não é exatamente isso – nem o Dia do Índio, a ser comemorado amanhã – que lhe dá identidade. O que o distingue dos demais – que lhe dá individualidade, história e respeito – é a posição que ocupa entre os guaranis que vivem em uma aldeia no bairro do Bracuí, em Angra dos Reis. Ali, João da Silva é o cacique Vera Mirim (Pequeno Relâmpago). Líder da maior das três últimas aldeias guaranis do estado – há dois pequenos agrupamentos em Paraty –, ele luta para preservar as tradições, a religião e, principalmente, a língua de seu povo. Sabe que é isso que lhes dá identidade. “Não estamos comemorando 500 anos de história, isso é a história do



A aldeia Sapukai enfrenta dificuldades e busca a “integração com sabedoria”



Fotos de Carlos Magno



O cacique Vera Mirim (E), líder da maior das três últimas aldeias indígenas no estado, diz que o Dia do Índio não passa de uma data instituída pelo branco. As crianças só aprendem o português aos 6 anos

PROGRAMAS DE ÍNDIO

Depois de várias raves furadas, a Fundação Progresso (agora sob nova direção) agenda um verdadeiro programa de índio. A partir de amanhã, a casa da Lapa será ocupado por vários tribos, vindas de todas as partes do Brasil, mostrando uma cultura de 1.500 anos.

■ **Arcos e flechas da Lapa:** oficina com os Yawanawá do Acre (dia 21, 24 e 25, das 14h30 às 17h30).

■ **Mostra de vídeos:** *Cerimônia fúnebre* (MT), de 1949 e *Índios Urubu-Kaapor*

(MA), de 1953. Os dois filmes, telecinados, têm a narração de Darcy Ribeiro. Dia 21, a partir das 18h.

■ **Cerimônia Toré:** ritual da tradição Kariri Xocó de Alagoas (dias 24 e 25, às 17h30).

■ **Dança da ema:** O Dia do Índio também será comemorado no Museu do Índio (na Rua das Palmeiras 55, Botafogo). A partir de hoje e até o dia 23, a nação Terena, do Mato Grosso do Sul, estará apresentando a *Dança da ema*, em movimentos inspirados no avestruz do Pantanal. Sempre às 15h, no jardim do museu.

Brasil de Cabral. Nós temos um passado de 1.500 anos.”

Os índios da aldeia Sapukai chegaram ao litoral fluminense há 15 anos, vindos do Paraná. Ocupam uma área de 2 mil hectares, demarcada pela Funai, a 300 metros do nível do verde mar de Angra. Da serra, a visão dos iates brancos são uma referência distante para os 400 índios que vivem ali, a maioria crianças. Vivem mal. Não há luz, a terra produz pouco, o artesanato não tem muita aceitação na região, sofrem de preconceito de todo tipo. São chamados de preguiçosos, sujos e cachaceiros. Por isso, cada vez mais, fecham-se em sua aldeia. Nem o Dia do Índio alivia as tristezas. “É uma data instituída pelo branco, só ele sabe a forma de comemorá-la”, diz João. Falando um português de poucas palavras, ele define as formas de convivência. “Sabemos que é impossível viver sem o branco, mas temos que nos proteger. A caça, a doença e o assédio de outras religiões (a Igreja Universal já fez diversas investidas na aldeia) não

são bons. Temos que nos integrar, mas com sabedoria”, ensina o cacique, que, entre outras atribuições, dá orientação espiritual a seu povo.

Até os 6 anos de idade, as crianças da tribo só falam o guarani. Depois, são levadas a uma escola bilíngüe, onde aprendem o português e a escrever na língua indígena. Um dos professores é Argemiro da Silva, filho do cacique. Argemiro frequentou escola de brancos e viu de perto as dificuldades e o preconceito. Está vacinado. “Não podemos abrir mão de nossa língua. Estimulo as crianças a praticarem o guarani sempre que puderem e que usem o português como arma de resistência”, ensina. Uma arma nem sempre eficiente. Há duas semanas, um indiozinho da aldeia foi encontrado em um abrigo de menores do Rio. Não sabia se expressar mas deixou bem claro seu fascínio pelos brinquedos e bens de consumo dos meninos brancos de sua idade. Natural. Seu cotidiano é um pouco diferente.

Na aldeia, a brincadeira mais co-

mum é o futebol. O time dos índios é famoso por ali. Perde pouco. A maior parte torce para o Flamengo e tem Romário como ídolo. Há muitos (sabe-se lá por quê) botafoguenses. Aos domingos, reúnem-se na escola para assistir aos jogos – e ao Sílvio Santos! – na TV com gerador a diesel. Soltam pipa, sobem em árvore, brincam com arco e flecha. Em dias festivos reúnem-se em rituais de dança que aprenderam com os pais. Para arrecadar fundos, elaboraram um projeto, com o apoio de ONGs brasileiras e estrangeiras, para um programa de visita guiada à aldeia. É uma oportunidade de ver de perto os vestígios de uma cultura que resiste a 500 anos de dominação. Dominação evidente nas casas de pau a pique, nas galinhas magras ciscando no chão, nos apelos da vida movimentada na cidade, no esquecimento. Mas que esbarra na crença da felicidade como redenção. “Deus criou o homem para ser feliz. Qualquer povo tem o dever de buscar a felicidade”, resume o cacique Vera Mirim. ■